



A IMPORTÂNCIA DOS LIMITES NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

THE IMPORTANCE OF LIMITS ON THE EDUCATION OF CHILDREN AND ADOLESCENTS

Sergio Paulo de Oliveira¹

Resumo

A educação de uma criança ou adolescente envolve uma série de atitudes, estratégias e escolhas por parte dos adultos, especialmente dos pais. Dentre os aspectos mais complexos deste processo encontra-se a necessidade do estabelecimento de regras e disciplina. Como se sabe, muitas vezes, a colocação de limites gera conflitos entre pais e filhos. Desta forma, percebe-se que muitos pais, devido à insegurança ou omissão no momento de corrigir ou punir comportamentos inadequados, não transmitem os valores necessários para que os filhos cresçam com a capacidade de fazer escolhas mais acertadas e tendo consciência de que os limites existem para organizar a vida em sociedade e também para proteger as pessoas em seus direitos. Com o objetivo de apresentar reflexões acerca desta controversa questão, este artigo foi construído a partir da experiência do autor e da contribuição de diversos outros especialistas na área.

Palavras-chave: Disciplina; Limites; Educação; Regras; Crianças; Adolescentes.

Abstract

The education of a child or adolescent involves a series of attitudes, strategies and choices on the part of adults, especially parents. Among the most complex aspects of this process is the need to establish rules and discipline. As is well known, setting limits often creates conflicts between parents and children. Thus, it is noticed that many parents, due to insecurity or omission when correcting or punishing inappropriate behaviors, do not transmit the values necessary for their children to grow up with the ability to make better choices and being aware that limits exist to organize life in society and also protect people on their rights. In order to present reflections on this controversial issue, this article was built from the author's experience and the theoretical contribution of several other experts in the field.

Keywords: Discipline; Limits; Education; Rules; Children; Adolescents.

¹ Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento pela Universidade Federal da Integração Latino Americana – UNILA. Email: prof.sergio2021@hotmail.com.





1. INTRODUÇÃO

Limites é por si só um assunto inesgotável; as gerações vêm debatendo esse tema ao longo dos tempos e assim permanecerão porque ele é mutável, tal como as relações, como a educação, como a vida. Assim sendo, há um vasto número de tratados acerca da necessidade e importância de se colocar limites às crianças e adolescentes; livros, teses, teorias, pesquisas de campo, publicações científicas ou produções artísticas, em que especialistas e autores em geral divergem em seus posicionamentos, haja vista a complexidade da questão. Nesta linha, Brooks e Goldstein (2005) afirmam que se trata de uma ocasião rara quando três ‘especialistas’ em criação de filhos têm o mesmo entendimento sobre práticas disciplinares.

Assim sendo, Oliveira (2010) argumenta que quando se reflete sobre limites faz-se necessário guiar-se mais pelo bom senso, responsabilidade, experiência e amor aos filhos do que alicerçado em dados e números concretos. Não obstante, percebe-se que, nesta complexa área, existe um senso quase que comum: a era atual sofre de falta de limites, o mundo está carente de *nãos*, e assim, percebe-se que ser humano sem limites é apenas a ponta do iceberg da sociedade em que vivemos.

Apesar de se compreender que o mundo contemporâneo é incomparavelmente diferente de quando éramos apenas os filhos de nossos pais, observa-se que, em consequência da crise de autoridade, sobretudo da família, uma geração de órfãos de pais vivos se perde na guerra das drogas, na violência no trânsito, na carência de afeto. Nesta sociedade *nonstop*, esquece-se que não há influência mais importante na vida dos filhos que a dos pais. Deixa de levar em conta que os filhos, muitas vezes, precisam mais de pais do que de amigos, que a escola da vida do *não* começa dentro de casa e que se os filhos não ouvirem *não* dos pais, estarão despreparados para ouvir *não* da vida. Enfim, quando os adultos não ensinam ou param as crianças e adolescentes pela educação, é a vida que os fará parar, lá fora.

Regras, deveres e limites existem para que se possa viver em sociedade. São eles que garantem sair de casa, trabalhar, ter amigos e colegas, conviver com vizinhos, com os filhos, com a família, com o mundo. É a dosagem exigida de doação, onde cada um, por lei ou em tácito acordo, tem que dar a sua parte, para que se possa, assim, viver em grupo. E isso se ensina para filho desde pequeno muito antes que a vida resolver fazê-lo. É a base que se dá como garantia para que ele possa entender o que é viver em sociedade, e que, independente da sua vontade, do seu esforço ou do seu merecimento, a vida vai lhe dizer *não* e ele terá que prosseguir da mesma maneira.

Nas relações sociais existem limites a serem respeitados, quer seja no trabalho, na escola ou em quaisquer outras instâncias ou ambientes. Para isso, existe a grande maioria das regras; para organizar, disciplinar, facilitar a convivência ou, em último caso, torná-la minimamente possível. Além de que, muitas regras têm como objetivo principal a proteção das pessoas, de forma que, não se pode conceber uma via de intenso tráfego sem os sinais de trânsito ou que alguém viole sistematicamente este limite sem que provoque uma tragédia; para isso regras e limites são tão necessários.

Por sua vez, este artigo não propõe fórmulas mágicas, teses revolucionárias, nem dá o mapa da mina ou tampouco garante a receita infalível do sucesso. Não existem verdades



absolutas ou respostas prontas. Não existem regras universais, nem terapias milagrosas. Não há planos à prova de fracassos. Há, isto sim, princípios básicos que merecem reflexão mais aprofundada; essa é a proposta.

2. LIMITES ATRAVÉS DOS TEMPOS E DAS CULTURAS

Limites; este velho e ao mesmo tempo tão contemporâneo assunto não é território totalmente seguro, pois as dúvidas vêm acompanhando o ser humano através da história. Povos como os gregos, romanos, chineses e diversas outras civilizações já se debruçaram sobre este assunto e se debateram sobre o mesmo, tendo em vista que, cuidar de crianças e adolescentes e lhes transmitir amor, disciplina e valores sempre foi menos difícil na escrita, na teoria, do que na prática.

Em tempos remotos, as crias tinham que ser protegidas das feras e das adversidades da natureza e hoje, os perigos são outros, mas não menos assustadores. A bem da verdade, o meio em que se vive nunca foi tão agressivo quanto nos dias atuais. No entanto, a educação atravessou os tempos buscando dar conta disso e o homem tem sobrevivido por milênios tendo trazido a história da humanidade, a civilização, os filhos, até o século XXI. Assim, ser pai e mãe que protegem e educam sempre se constituiu num desafio, em noites de sono perdidas, porém, em contrapartida, em recompensas que fazem todo e qualquer sacrifício valer a pena.

Alguns podem até dizer: “Ah, mas hoje em dia, as coisas são muito diferentes; atualmente, nossos filhos são mais rebeldes; hoje em dia, eles são mais revoltados; atualmente, os jovens não têm mais respeito.” Outros podem argumentar: “Ah, mas antigamente, os jovens eram obedientes; no meu tempo, eles escutavam os adultos; antigamente, eles não davam trabalho aos pais; no meu tempo, pais e professores não eram desafiados em sua autoridade.”

Mas, será que é bem assim mesmo? Há quase 2.500 anos, o filósofo grego, Sócrates, afirmava: “Nossa juventude ama o luxo. É mal-educada. Zomba das autoridades. Nem sequer se levantam ou descruzam as pernas quando uma pessoa idosa entra na sala. Não obedecem a seus pais. Agem como verdadeiros tiranos. São simplesmente uns mal-educados.” *Mal-educados...irreverentes...desrespeitosos*. Muitos diriam que Sócrates estava se referindo aos filhos ou alunos do século XXI. Percebe-se que mais de 2 milênios se passaram e colocar limites continua sendo um grande desafio aos pais, à sociedade. Assim sendo, dar limites é atemporal e sempre foi necessário, apenas mudaram os motivos que os exigem através dos tempos.

Não obstante a interferência de outras variáveis, os pais são os principais responsáveis pelos valores nos quais os filhos acreditarão e pelos adultos que eles se tornarão, isto é, a maneira como são educados pode fazer toda a diferença na vida deles, pois a base do que eles serão no futuro é construída por pais que educam

A essência da paternidade responsável consiste em tentar sempre conhecer bem os filhos para ser um pai que ama, incentiva e, também, coloca limites. Neste sentido, a figura histórica mais conhecida na China como mestre e filósofo, o pensador Kung-Fu-Tse



(Confúcio) que viveu de 551 a 479 a. C., certa vez, afirmou: “Um bom pai conhece a essência de seus filhos. Ele freia aquele que é ousado demais e empurra o que não sabe andar com as próprias pernas.” Dessa forma, verifica-se que há questões que atravessam a história. Podem vir com embalagem nova, com jeito de civilização, mas o conteúdo ainda é o mesmo. Assim, orientar, educar, fazer dos filhos pessoas de bem, capazes de viver em sociedade, respeitando as diferenças e reconhecendo limites nunca foi uma tarefa fácil.

O homem, no sentido de humanidade, protege sua cria como qualquer outro animal; é instintivo, está no código genético e, não vem ao caso, neste artigo, tentar decifrar este amor, mas sim entender melhor o que fazer com ele. Criar é proteger, guiar, orientar e, por isso mesmo, limitar. Os antepassados já tiveram filhos para servir ao Estado, para fortalecer as terras, para que cuidassem dos mais velhos quando crescessem, para gerar riquezas. Cada tempo, uma necessidade, uma causa, uma consequência. Logo, as famílias já foram extremamente numerosas o que significava casamento sólido, raiz fortalecida, tronco robusto, copa larga. Por isso, os pais são árvores, ainda que nos dias de hoje, com menos filhos, menos frutos. Entretanto, isso não garante sucesso aos pais modernos, nem mesmo menos dor de cabeça, pois atualmente as relações se modificaram, as famílias estão cada vez menores e educar se tornou tema de livros e objeto de estudos científicos.

O passado de casa cheia, de mesa grande e comprida e de pão contado fazia dos pais mais organizadores, administradores, provedores, do que propriamente educadores. Muitas dessas famílias e desses filhos eram criados pelos irmãos mais velhos e as regras se estendiam a todos. Hoje, os filhos com poucos irmãos, ou sem eles, não sabem dividir o pão, o casaco, a cama, o quarto, nem a mochila. Desta forma, os pequenos príncipes domésticos têm mais dificuldades em ter limites e os pais, por sua vez, em demonstrar o que significa repartir, ceder, frustrar-se, ouvir *não*.

Problema novo, atual? Não. Apenas se desperta mais interesse por ele porque não se teme mais a noite, o frio ou o animal de grande porte, como temiam nossos antepassados.

As pessoas possuem cada vez mais, mas se dão cada vez menos. O mundo se globalizou, mas cada um continua em sua solitária árvore. Usar perfume, sentar-se à mesa, cobrir o corpo com roupas, dominar os sentimentos e desenvolver várias habilidades e códigos de educação, por vezes, faz com que o ser humano esqueça que é bicho. Porém, já se morou em árvores, já se teve medo da noite naqueles remotos tempos em que o fogo, muito mais do que aquecer e preparar o alimento, cumpriu a importante tarefa de proteger e de acolher enquanto a luz do dia não dava segurança.

A evolução trouxe a descoberta da semente e a vantagem de domesticar animais, além de diversas outras conquistas alcançadas a conta gotas e sempre na esperança de se sobreviver a mais uma era. Neste processo, cometeram-se muitos erros, mas apesar de todos os equívocos, acertou-se mais, pois o homem sobreviveu à natureza. Tendo em vista que já não se teme tanto a natureza e os animais, na contemporaneidade, os filhos são preparados para enfrentar e sobreviver a desafios criados pela dinâmica da própria sociedade: o desamor, o egoísmo, as doenças, a violência, as drogas e a banalização do valor da vida. O homem ainda é um ser primitivo, por mais que se fale ao telefone, que se dirija carros confortáveis e que se possa voar mesmo sem que se tenham asas. Apesar de todas as conquistas humanas, suas crias



ainda procuram o peito da mãe logo que nascem, como se assim não deixassem esquecer de onde se veio e que animal realmente é o ser humano.

A história da humanidade demonstra que nada é novo no colo de uma família; são questões que se perpetuam, se repetem, se renovam, adaptando-se aos novos tempos, ao novo mundo. Mas, a essência é a mesma, haja vista que se no passado se temia a noite e o desconhecido, atualmente teme-se também o dia e nem tudo o que é conhecido significa segurança. O futuro chegou e o que parecia trazer mais segurança, como o celular, a internet, apenas deixa a nítida sensação de que não se consegue ter garantias de absolutamente coisa alguma.

Por tudo isso, deve-se apostar na educação transmitida no cotidiano; na porta da escola ao cumprimentar o porteiro, na quantidade de comida colocada com consciência no prato na hora do almoço, no “com licença” ao interromper uma conversa, no “por favor” ao pegar algo emprestado, no “obrigado” ao receber uma gentileza, no bater na porta antes de abrir, no saber esperar sua vez e sua hora, ao aceitar o *não*, na vida que vai passar e nas escolhas que se tem que fazer, na perda que se tem em cada ganho e no ganho que se leva em cada perda.

Preparar as crianças e adolescentes para os *nãos* que a vida reserva é dar limites e essa é a base da educação; a verdadeira herança que se deixa para os filhos. E isso nunca foi diferente desde os tempos remotos em que se educava uma criança apenas para que, quando saísse da caverna ao amanhecer, tentasse sobreviver por mais um dia, até a contemporaneidade em que se busca educar para que os filhos viajem à lua, brinquem na Via Láctea, mas não fujam do alcance dos braços dos pais e retornem sãos e salvos ao final das aventuras.

Observa-se que muitos pais têm grande dificuldade em aceitar que os tempos mudaram e que é necessário se adaptar também à realidade atual no que se refere à educação. Assim, muito se questiona: onde está o limite? Ele existe? Ou o amor que preenche o peito e que atemoriza só em pensar que algo de ruim possa acontecer ao filho, dá garantias aos pais de “irem e virem” pelos cadernos, pelo celular, pela internet e pelos segredos do mesmo? O que está lá que um pai ou mãe não possam ver ou saber? Onde é fim do cuidado e o início da invasão? Há desrespeito neste ponto entre pais e filhos? Enfim, se os especialistas tivessem as respostas certas para todas essas perguntas, não escreveriam teses sobre limites, mas sim, um manual com receitas prontas, fórmulas mágicas, dicas infalíveis e verdades absolutas.

3. NO LIMITE DA EDUCAÇÃO

Os pais passam a vida toda na expectativa de algum dia ver os filhos como uma obra acabada, bem-criados e com escolhas que acreditam serem acertadas. Educar leva tempo e incertezas nas arriscadas doses de permitir e orientar; a isso se soma participação, dedicação, paciência e generosidade e, por isso, dá tanto trabalho, todavia, a educação faz a diferença independente do tempo e do lugar.

Muitos pais da atualidade, observam a educação com teorias, boas escolas, roupas limpas, tênis novo, raríssimos “obrigados,” alguns “com licença” e escassos “por favor.” A correria lhes dá um poderoso, porém enganoso, alibi para a falta de tempo para educar: ganhar



dinheiro para dar aos filhos cada vez mais o que eles sequer precisam e dividir a responsabilidade da educação.

Percebe-se que no mundo de hoje, muitas famílias esquecem que os filhos são intransferíveis e delegam a responsabilidade de educar principalmente para as escolas. Assim, pode-se vê-los logo cedo com pesadas mochilas nas costas ao que se seguem cursos de línguas, informática, atividades físicas, horários marcados e uma agenda lotada; maratona diária que transforma crianças e adolescentes em adultos em miniatura que, sem tempo para brincar ou desfrutar os pais e amigos, estão prontos para serem homens com saudade de uma infância que não tiveram. Neste sentido, Tavares e Pietrobon (2016) analisam a dinâmica relativa ao papel da escola e da família no processo educativo e concluem que quando os pais dão importância aos estudos e estabelecem parceria com a escola “também atuam positivamente sobre o bom comportamento de crianças e jovens em idade escolar” (TAVARES; PIETROBOM, 2016, p. 496).

Entretanto, não se pode esquecer que educar nunca foi modismo; é necessidade, é dever. Os filhos têm direito a uma educação efetiva; a melhores perspectivas de futuro. Pitágoras, filósofo e matemático grego que viveu 500 anos antes de Cristo, já alertava: “educa o menino se não quiser punir o homem”. Porém, tantos séculos depois, estão sendo punidos não só homens, jovens ou adolescentes, mas, também, meninos. São delegacias, presídios e centros de ressocialização lotados de jovens e adolescentes, órfãos de educação, de limites, de bom senso, de discernimento, de valores morais, enfim, verdadeiros órfãos de pais vivos.

Mathews e Pillon (2004), em seu trabalho acerca dos fatores de proteção e risco associados ao uso de álcool em adolescentes filhos de pais alcoólatras no Peru, advertem com relação à ausência dos pais e à falta de clareza nas regras.

Esta ausencia de los padres también probablemente genere el que falte la claridad en las reglas, ya que los adolescentes tiene que manejarse solos por espacios prolongados y en los que faltando alguno de los padres, tendrá necesariamente que tomar decisiones y por lo tanto madurar en ese proceso de error/acierto, pero que generalmente se ve orientado por la referencia de los valores y la cultura que rigen en su familia (MATHEWS; PILLON, 2004, p. 365).

Viorst (2007) lembra que “o discernimento, em qualquer idade, pode evitar que cantemos novamente as mesmas tristes canções” (VIORST, 2007, p. 337). Afirma ainda que que o ser humano não nasce com compromisso moral algum ou mesmo com a intenção de ser bom, pois se quer sempre e cada vez mais e só lentamente se desiste de agarrar tudo o que estiver ao alcance das mãos, por isso, a necessidade da educação. Portanto, há que se educar para que o ser humano perca a liberdade do vale tudo e adquira a capacidade de sentir culpa, pois embora a culpa possa privar de muitas coisas significantes, o mundo seria monstruoso sem este sentimento, considerando-se que as liberdades que se perdem, conforme Viorst (2007), as restrições e tabus são perdas necessárias – parte do preço que se paga pela civilização. Alerta ainda Viorst:

Não há dúvidas de que pessoas com histórias extremamente semelhantes emergem delas de modos extremamente diversos. Não há dúvidas também que pessoas muito parecidas hoje chegaram a esse ponto vindas de lugares diferentes. No



relacionamento humano não existem correlações definitivas e simples de $a = b$. Isso porque, além da educação, existe a natureza. Porque acrescentamos a todas as experiências da nossa vida as qualidades singulares e específicas com as quais nascemos (VIORST, 2007, p. 48).

Ao aceitar a limitação do proibido e do impossível, o ser humano torna-se um eu adulto, moral e responsável descobrindo – dentro dos limites impostos pela necessidade – a liberdade de escolha. Todavia, é de fundamental importância que o mesmo seja submetido a um processo educativo de construção dos conceitos elementares de autodisciplina, direito e dever, tendo em vista que habita sempre em seu íntimo uma batalha entre aquilo que se quer ter ou fazer e o que realmente é de direito possuir ou realizar.

No entanto, percebe-se que considerável parcela de pais não se dá conta do poder da educação, do quanto eles podem influenciar nas escolhas dos filhos, no tipo de adulto que os mesmos se tornarão. Pais que educam têm a capacidade de influenciar a personalidade, os interesses, o caráter, a inteligência, as atitudes, os valores, as preferências e aversões de seus filhos. Podem também influenciar seu comportamento em casa, na escola e entre amigos. Neste sentido, Bolsoni-Silva e Marturano (2002) relatam que as conclusões de diversos pesquisadores apontam para a conexão entre a educação e o comportamento dos filhos.

Estes pesquisadores apontam para a existência de uma ligação entre práticas educativas e comportamento antissocial dos filhos, à medida que as famílias estimulam estes comportamentos por meio de disciplina inconsistente, pouca interação positiva, pouco monitoramento e supervisão insuficiente das atividades da criança [...] os filhos expostos à violência por longos períodos, frequentemente comportam-se de forma agressiva e, quando são criados em condições negligentes, tornam-se pouco tolerantes à frustração, com pouca motivação para seguirem normas sociais e relativamente imunes ao remorso (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002, p. 227-228).

A orientação adequada e constante pode fazer com que os filhos se tornem bons e atenciosos, por outro lado, a ausência de uma postura coerente por parte dos pais pode fazer com que os mesmos se transformem em pessoas mesquinhas e egoístas, sobretudo, porque a maneira como os pais criam seus filhos tem enorme influência sobre seu desenvolvimento e sobre o tipo de pessoa em que se transformarão.

Sabe-se que limites é tema delicado por se tratar de uma questão que nada mais é do que uma linha invisível que além de se não se ver, não se toca e, geralmente, nem se sente. Às vezes, a mesma só é percebida quando os pais já estão do lado de lá em um terreno pantanoso e sentem-se inseguros com o poder que os filhos passaram a ter sobre eles, ou ao contrário, quando se fragilizam diante dos filhos, perdem o caminho de volta para casa e não sabem mais como retornar de mãos dadas com eles. Por vezes, têm até mesmo que trazê-los no colo, ainda que sejam homens feitos e os pais já nem tenham braços e pernas para isso.

Limite é quando se consegue perceber o outro e isso independe do que o outro veste, do que come, de onde dorme, no que acredita, do que o agrada, do que sente, da língua que fala e do mundo que vê. Reconhecer-se igual e, por isso, respeitar diferenças é entender o limiar do limite que paira sobre todos, o tempo inteiro, onde quer que se esteja. Deve-se



reconhecer o outro além de si mesmo, e esse outro pode ser o vizinho que pouco se vê, o menino que quer limpar o para-brisa no sinal fechado, o porteiro do qual não se lembre o nome, a faxineira que não se sabe onde mora ou os invisíveis que existem nas ruas.

Assim, ensina-se os filhos a fazerem a diferença quando entrarem no ônibus e agradecerem ao motorista que está ali o dia inteiro dirigindo, que abram um sorriso de bom dia para quem já está no elevador, que perguntem o nome das pessoas com quem convivem, que a tia da cantina da escola seja tão respeitada quanto a diretora, que o colega de sala que não joga bola e não tem amigos também possa ser convidado para a festa, que eles entendam que a escravidão brasileira pode ter deixado rastros, mas que nada justifica tratar a empregada da casa com indiferença ou desprezo. Isso tudo também é ter limites; sinônimo de educação.

Observa-se que há muitos argumentos no sentido de que a falta de limites é geral, é no mundo, está em tudo. Logo, a geração atual tem sido rotulada de sem limites, já que a rebeldia da idade pertence a ela e a ela se reservam as críticas e teorias de como melhorar o mundo. Mas quem a criou? De onde veio? Com quem convive? Como chegou até o ponto em que está?

Cada vez se tem menos filhos, menos distâncias, mais condições, mais facilidades e, na contramão da vida, menos tempo e mais dúvidas de como fazê-los andar com as próprias pernas sem que ultrapassem demais o limite deles e dos outros. Os outros também são os pais, os irmãos, os amigos, os vizinhos, aqueles por quem passam e não veem, as pessoas que os cercam e das quais sabem sequer o nome, o caixa do supermercado, a zeladora da escola, o porteiro do prédio, o tio que vende doces, a faxineira da casa, a vó amada, o tio mal-humorado, a professora esforçada, a namorada conquistada. Os outros podem ser ainda o carro estacionado do vizinho, a parede da escola, o banco da praça, a campainha do apartamento ao lado, a caneta emprestada do amigo, a casa do final da rua, a comida na mesa, o gato na calçada, o tênis comprado à prestação, a bicicleta que fica na chuva.

Muitos pais, mesmo ante todas as evidências contrárias, ainda acreditam que ser moderno ou progressista é educar os filhos sem limites. Neste sentido, Luft (2006, p. 29) enfatiza que “a gente brinca demais à beira do abismo.” Luft ainda alerta:

Temos muitos adolescentes infantilizados pelo excesso de proteção paterna ou pela sua omissão, na gravíssima crise de autoridade que nos assola; temos jovens e adultos incapazes porque quase nada lhes foi exigido, nem na escola, nem em casa. Talvez tenha lhes faltado a essencial atenção e interesse dos pais na onda do ‘tudo numa boa’ (LUFT, 2006, p. 207).

Enfim, faz-se necessário que a geração adulta reflita com um pouco mais de profundidade acerca de determinadas atitudes, comportamentos e escolhas que assume, pois quando as crianças e adolescentes, conforme já citado, não são parados pela educação, é a vida que os fará parar lá fora e, com certeza, não será com o afeto de mãe ou com o olhar condescendente do pai.



4. NO LIMITE DO NÃO

Como se pode observar, cada vez mais, no seio da sociedade, os pais têm demonstrado crescentes dificuldades em estabelecer limites para os filhos. Antunes (2005) defende que todo pai é sempre um educador e jamais se educa se não se usa a disciplina, se não se estabelecem limites, se não se ensina o significado integral de um *não*. Segundo o autor, educar significa exercer a autoridade e esse exercício começa pela educação sobre o sentido do *não*. Muitos pais esquecem que afeto combina com firmeza e que o *não* é a maior e mais difícil prova de amor que, muitas vezes, se deve dar.

Muitos pais e mães, por amarem os filhos, têm imensas dificuldades em dizer *não* para os mesmos sem sequer se darem conta de que estabelecer regras, censurar comportamentos inadequados, cobrar responsabilidades, enfim colocar limites, são em essência, atos de amor e que, em qualquer circunstância, amor e firmeza devem caminhar de mãos dadas no processo de educação. Às vezes, escolhe-se dizer *sim* não por afeto, amor ou compaixão, mas por se optar pelo fácil caminho de não se defrontar, não comprar briga, não se estressar e nem ter que dar explicações demais, haja vista que dar limites significa dizer *não* quando necessário, mas exige também explicação adequada para isso, porque se não pode se constituir em mero castigo, implicância ou impertinência gratuita.

O dolorido e desconfortável *não*, muitas vezes, exige explicações e esclarecimentos por parte dos pais enquanto que o belo e caloroso *sim* lhes dá a leveza de parecerem ser bons, amigos e generosos. Bondade, amizade e generosidade essas, muito mais ligadas ao cotidiano sempre tão ocupado dos pais do que necessariamente ao mundo dos filhos. Assim, quantas vezes mal se ouve o que é perguntado e, antes que se comece a ter que negociar um possível *não*, garante-se logo um *sim* a eles, o que poupará tempo e confronto.

Logo, deve-se estar atento para que as posturas demasiado permissivas tenham menos força do que o compromisso e dever de contribuir para que os filhos sejam seres humanos lúcidos, emocionalmente sadios e prontos para compreender que no *não* de hoje pode haver mais amor do que lhes parece, ainda que leve tempo, que eles precisem, talvez, se tornarem pais para que possam perceber e perdoar aos seus pais.

Luft (2006) também alerta que os pais desaprenderam a dizer *não*, enquanto Cury (2003) acrescenta que os papéis se inverteram, ou seja, antigamente, os pais eram autoritários; hoje, são os filhos. Os professores que em outros tempos eram heróis dos alunos hoje são vítimas deles. Enfatiza que os jovens da atualidade não sabem ser contrariados e que nunca na história se assistiu a crianças e jovens dominando tanto os adultos. O que se vê são filhos que se comportam como reis cujos desejos têm que ser imediatamente atendidos. Lembra também o autor que os pais, em primeiro lugar, precisam aprender a dizer *não* para os filhos sem medo, pois se eles nunca ouvirem *não* dos pais, estarão despreparados para ouvir *não* da vida e, conseqüentemente, não terão chance de sobreviver. Cury (2003) aponta ainda que, quando disserem “*não*” com convicção, esses pais devem evitar ceder a pressões e chantagens. Araújo (2005) enfatiza que ao dizer *não* de maneira ponderada, os pais impedem que o filho se transforme num tirano dentro de casa e, mais tarde, venha a sofrer, no mundo lá fora. Há áreas em que o *não* deve ser definitivo e inegociável. Assim, é imprescindível que os pais tenham clara definição acerca de quais assuntos ou circunstâncias torna-se possível “negociar” com os filhos alguma ordem ou regra. Portanto, os pais devem procurar estar



sempre abertos para flexibilizar uma decisão que não seja em questões-chave. Negociar um *sim*, desde que seja com bom senso e equilíbrio, pode criar um clima de maior empatia e proximidade com os filhos.

Importante ainda a se sobrelevar é a harmonia que se faz necessária entre o pai e a mãe com relação ao *não* e ao *sim*, isto é, ambos devem concordar com o que o filho pode ou não pode fazer. Caso contrário, o mesmo buscará se aproveitar dessa indefinição fazendo com que os pais entrem em contradição.

Ressalte-se que os pais também devem tomar cuidado para não regular em demasia vida dos filhos, pois o excesso de *nãos* é tão prejudicial quanto a inexistência dos mesmos. Percebe-se que ser pai ou mãe nos dias de exige muito mais flexibilidade do que antigamente, pois quando pais e filhos têm um limite muito tênue entre eles, o resultado é o caos. Em contrapartida, quando há limites muito rígidos, o resultado é o desligamento e o isolamento e nenhum deles é saudável. Desta forma, quando os limites entre pais e filhos são claros e flexíveis, o sistema tende a funcionar bem melhor.

Os pais devem ter a coragem de aceitar o preço a pagar quando apostam as fichas na dolorosa resposta *não*, tendo em vista que o *sim* dá menos trabalho, independente do preço que poderá ser cobrado pela vida mais tarde. Sabe-se que muitos pais se sentem despreparados e inseguros para os filhos dos novos tempos diante de uma situação em que não se sabe se dá o sinal verde e se diz *sim* ou aplica-se o cartão vermelho e se encara o *não*.

Neste aspecto, há que destacar também alguns fatores de risco existentes dentro das famílias que podem fazer com que a criança ou adolescente se torne mais vulnerável. “Brigas entre os pais, a disciplina relaxada [...] a presença de punição severa e inconsistente são variáveis presentes e relevantes nas famílias de jovens desviantes” (ZAMBERLAN; FREITAS; FUKAMORI, 1999, p. 37).

Outro aspecto pertinente a ser observado na questão da colocação de limites diz respeito ao fato de que, muitas vezes, quem realmente precisa de limites são os pais, sendo que isso geralmente ocorre quando os mesmos tentam resgatar a sua história de vida através dos filhos; uma história de um tempo que já passou e que não mais pertence aos pais. Pais que tentam reviver através dos filhos os sonhos de uma juventude que não tiveram ou não souberam ou não puderam aproveitar. Assim, esquecem o bom senso e projetam nos filhos as carências e frustrações de uma infância ou adolescência mal resolvida e, desta forma, são prejudiciais aos filhos quando, em função disso, não colocam limites a determinados comportamentos.

Ressalte-se que o pai que diz *não* está condenado a presenciar portas que baterão, cara feia e mau humor perambulando pela casa, respostas secas e azedas e adeus ao beijo de boa noite. Além de que, o *não* vem anexado a uma rede de perguntas que exigem repetitivas explicações. Todavia, educação vale pra vida toda, portanto, tempo demais.

Logo, não se deve ter medo de cara feia. Aliás, os filhos terão a vida toda pra ver cara feia nos desafios profissionais e nos relacionamentos e também terão que saber lidar com isso. Sem dúvidas, a escola da vida do *não* começa dentro de casa quando se desliga a televisão no meio de um jogo de vídeo game por que amanhã é dia de escola, vai ter prova e já passou da hora de ir dormir. Enfim, ensina-se muito mais com o *não* do que com o *sim*, embora este também deva existir em abundância.



Cury (2003) destaca que algumas pessoas não conseguiram vencer na vida exatamente porque não tiveram paciência para suportar um *não* ou porque não tiveram ousadia para enfrentar algumas críticas e até mesmo humildade para reconhecer suas falhas. Tiba (2002) afirma que o mundo é a realidade onde convivem o *sim* e o *não* e que o *sim* só tem valor para quem conhece o *não*. Observa ainda que na educação do *sim*, a ponta mais perigosa e difícil de lidar está no campo das drogas.

Assim sendo, o *não* que muitas vezes se faz necessário dizer tem, acima de tudo, função protetora, de forma que é essencial que os pais tenham consciência de que não podem se omitir desse papel de primeiros educadores.

5. NO LIMITE DO AMOR

Reitera-se a importância de se colocar limites aos filhos, porém, as regras e disciplinas devem ser transmitidas e aplicadas com muito carinho, afeto, compreensão e atenção aos mesmos. Gomide (2004) enfatiza que o grande segredo da educação é conseguir equilibrar-se entre aplicar as regras e manter-se afetivo. Antunes (2005) lembra que um pai amigo e educador trata-se da maior conjunção.

Cury (2000) adverte que antes de exigir limites dos filhos, os pais têm que dar amor a eles. Por seu turno, Tiba (2002) orienta que “é importante que fique bem claro para a criança que, mesmo que a mãe e o pai reprovem determinadas atitudes dela, o amor que sentem por ela não está em jogo” (TIBA, 2002, p. 54). Steinberg (2005) argumenta que se deve buscar que os filhos percebam a autoridade como consequência da sabedoria e mesmo do amor por eles. Já, Betelheim (1998) defende a ideia de que o amor dos filhos pelos pais é a razão de temerem decepcioná-los. Por tudo isso, é imperativo que se discipline, que se coloquem limites, mas sempre se mantendo abertos canais de diálogo e, ao criar regras, torná-las flexíveis quando possível e necessário. Por conseguinte, tem-se, às vezes, que “ceder” na relação com os filhos.

Luft (2006) relata que os aspectos positivos que mais marcaram a sua educação foi ela ter recebido limites sensatos, porém com autoridade bondosa. “Se os pais pudessem instaurar uma ordem amorosa, mas firme, entendendo que os limites ajudam a dar sentido às coisas, estariam sendo pais bem melhores do que sendo eternamente condescendentes” (LUFT, 2006, p. 47). Por sua vez, Álava Reyes (2005) destaca que quando se quer bem a alguém, há que se buscar fazê-lo olhar o que não quer ver e escutar o que não quer ouvir, e neste processo, deve-se agir com afeto e compreensão, porém, com firmeza e segurança.

Muitas vezes, para a compreensão de determinadas atitudes de um aluno, por exemplo, deve-se buscar conhecer a sua história de família porque é ali que reside a maioria das respostas. Muito do que este aluno é e como se comporta é fruto do ambiente em que está sendo criado e de como sobrevive a ele. E isso, pode ser tanto em lares desfeitos, refeitos ou inabaláveis. O grupo familiar é o “nosso campo de treinamento como seres humanos” (LUFT, 2006, p. 23).



Crescemos com o adubo do afeto, do bom humor e do respeito, e definhamos no veneno da excessiva exigência, ou da aridez – mesmo que houvesse brinquedos espalhados pelo quarto. Nosso comportamento adulto é marcado, mas não fatalmente determinado, pela infância. Ela deixou rastros, como sulcos num rosto ou num campo lavrado, em nossa memória consciente e, mais grave, naquela inconsciente – para serem decifrados e superados, e a gente se tornar mais livre e melhor (LUFT, 2006, p. 167).

No entanto, qual a melhor família? É aquela onde se quer bem, onde se percebe que ali, naquela casa, grande ou pequena, rica ou pobre, com pais casados ou não, há amor, e não o das novelas ou dos romances. Mas, o amor que vê e que cobra, que briga e que dá limites, que dá afeto e dá conselho, que dá responsabilidade e parceria, que ensina amarrar os sapatos e a dançar de rosto colado. Que se se saiba que, se um dia, a casa cair, cai todo mundo junto, abraçado, porque ali, todos se protegem e se defendem, ainda que se brigue por um controle remoto de televisão.

Amar partes é muito mais fácil do que amar o inteiro. Ama-se o filho dormindo, o filho com febre, filho educado, filho rindo, filho com boletim recheado de boas notas. Difícil é amá-lo quando não corresponde, quando fecha a cara, quando desobedece, quando bate a porta, quando não vê, escuta ou fala com os pais. Aí é que entra o amor incondicional, pois amar o filho inteiro é acolhê-lo igualzinho como ele é. Além do mais, o que este filho é hoje ou será amanhã é, também, em partes, construção da família, ainda que o individual seja inquestionável. E esse amor perseguirá os pais enquanto os mesmos respirarem, ainda que dê muitas noites sem dormir, transtornos, gastos e trabalho incessante e, não apenas, alegria, orgulho e prazer.

Todavia, no afã de bem educar os filhos, muitas vezes, também se corre o risco de ser incoerente com os tempos, com a história de vida, com o próprio passado. E, como se sabe, na área de colocação de limites, a coerência por parte dos pais é fundamental. Neste caminho equivocados, exige-se o que não se foi, o que não se fez, o que não se deu conta de viver. Mas, é por amor e por querer que eles sejam e tenham mais do que a vida deu aos pais que eles cobram e exigem dos filhos comportamentos e resultados que, por vezes, não deram aos próprios pais.

Nesta linha de raciocínio, Romanelli (1998) analisa que há o risco da interferência nociva dos pais no processo de formação da individualidade dos filhos quando da colocação de limites. Isso ocorre em função de que, para os pais, a imposição da sua vontade alicerçada em seus valores e experiências de vida assume um caráter diretivo, estruturante e preventivo.

A inexperiência dos filhos e a defesa de sua felicidade e de seu sucesso são os argumentos utilizados para legitimar essa postura. Limitando as possibilidades de os filhos vivenciarem situações novas e de entrarem em contato com a alteridade, os pais dificultam o desenvolvimento da responsabilidade da geração jovem. Antes, criam um vínculo de dependência que favorece a reprodução de suas concepções. Nessas circunstâncias, o paternalismo vivido na família reedita o paternalismo presente na sociedade; um e outro realimentam-se mutuamente (ROMANELLI, 1998, p. 135).



Reconhecer-se humano é perceber que não se nasceu adulto e que a idade que trouxe cabelos brancos, família e responsabilidade não garante vantagens sobre os filhos, apenas cobra postura, participação e transparência na hora de educar. Ressalte-se que a admiração, o reconhecimento e o respeito não são conquistados apenas com palavras ou mesmo com ameaças e sim, com lealdade e coerência ao que se é, ao que se foi e ao que se sonha um dia poder ser. Logo, ganha-se o respeito de filho ao conquistar a admiração dele através de posturas humanas, verdadeiras, honestas.

Barbosa e Wagner (2014) alertam para o fato de que a chegada dos filhos à adolescência constitui-se invariavelmente num momento em que a obediência às regras é questionada, sendo que a consolidação das mesmas se transforma num exercício árduo. Destacam que a construção dessas regras se trata de um processo que se inicia na infância e deve ser mantido na adolescência.

(...) a relação entre pais e filhos adolescentes é constantemente marcada pelo embate entre obediência e desobediência às expectativas e regras construídas. Até agora as pesquisas nessa área afirmam que um relacionamento parental marcado pelo afeto, pelo suporte para autonomia e pela comunicação clara das regras e expectativas está associado a melhores índices de desenvolvimento e ao uso de menos estratégias negativas de resistência e de controle da informação, como, por exemplo, a mentira (BARBOSA; WAGNER, 2014, p. 238).

Neste mesmo entendimento, Cury (2003) lembra que se os pais não conquistarem a admiração dos filhos, não terão poder sobre eles, pois um dos aspectos mais importantes na educação é levar o filho a admirar seus pais. Desta forma, um pai humilde, sem estudo trabalhador braçal pode ser grande dentro do seu filho, desde que o encanto. Em contrapartida, por mais bem-sucedido financeiramente que seja, por mais estudo que tenha, um pai será pequeno na alma do filho se não for admirado pelo mesmo. Conforme Tiba (1996), a ordem chega ao coração quando expressa com carinho, isto é, com a autoridade do amor.

6. NO LIMITE DO CASTIGO

A maioria das regras encontra-se alicerçada no bom senso. A ausência das mesmas pode ocorrer, em muitos momentos, nas relações humanas, entre pais e filhos, por exemplo, porém, na vida em sociedade, torna-se praticamente impossível que apenas o bom senso prevaleça de forma a regular as relações entre as pessoas no que diz respeito ao direito de ir e vir, de posse, de privacidade, entre várias outras situações do cotidiano.

Antunes (2005) discorre amplamente sobre a necessidade das regras e das punições, a partir de exemplos concretos, entre eles, o futebol. Argumenta o autor que não existe partida de futebol sem regras e que há diferentes sanções para os diferentes tipos de transgressões às mesmas. Deste modo, o mesmo deve ocorrer na relação pais e filhos, ou seja, se o filho intencionalmente “derrubar o adversário” dentro da área, o pai tem obrigação de, como juiz imparcial, marcar a penalidade máxima e o filho, de arcar com as consequências. Percebe-se que o grande problema desse jogo que os filhos disputam é que muitos pais, muito mais grave do que não serem os juízes, nem sequer assistem ao mesmo, outros pais fazem de conta que



não veem a falta cometida e outros ainda mentem para si mesmos e “protegem” o filho dizendo que o mesmo não cometeu falta alguma e, o pior de tudo, outros pais que incentivam e valorizam o erro do filho no vale tudo do jogo da vida.

No caso das crianças, a principal razão para a existência de regras é ajudá-las, com o passar do tempo, a desenvolver a capacidade de administrar suas reações e comportamentos, haja vista que elas não vêm ao mundo com a capacidade de se controlar e só conseguirão adquirir autocontrole ao interiorizarem as regras que os adultos estabelecem. Sabe-se que nada desconcerta mais uma criança do que a ausência de normas, no entanto, comprova-se ser mais eficiente os pais definirem algumas poucas regras que eles apliquem com firmeza, constância e coerência do que estipular uma série de regras que não são exigidas ou que são aplicadas ao acaso. Da mesma forma que as regras, também ocorre com os castigos; se os pais prometerem um castigo, devem estar preparados para cumpri-lo. Tiba (1996) aponta que o princípio básico da impunidade é a existência de castigos somada à não aplicação dos mesmos.

O desrespeito e a quebra de regras levam invariavelmente à decepção e ao atrito de modo que os pais se decepcionam com os filhos ao não serem obedecidos e os filhos se revoltam contra os pais por serem censurados ou corrigidos. Nestas situações, não raramente os pais fazem uso da agressão verbal ou da força física, assim, faz-se necessário que seja analisado sob vários prismas este momento tão delicado da relação pais e filhos; a punição, o castigo. Culpa e castigo situam-se numa área ainda mais complexa do relacionamento humano, ou seja, penetra-se em terra sagrada, campo minado sobre o qual divergem até mesmo os mais renomados especialistas em educação.

Desta forma, conclui-se que há que se corrigir os filhos, apesar de que não se deva fazê-lo em momentos de raiva, pois corre-se o risco de ser excessivamente severo e do castigo ser desproporcional ao erro. Ressalte-se que nenhum pai tem o direito de corrigir os filhos com agressão física; socos, pontapés, ferindo, tirando sangue dos mesmos, haja vista que a violência, a crueldade, enfim, a dor física não são elementos educativos.

Zagury (2001) aponta que o grande aliado da teimosia das crianças é a insegurança dos pais que terminam por agredir fisicamente os filhos em função de terem deixado passar muito a hora de agir com firmeza. Além do mais, diversas outras pesquisas na área têm comprovado o vínculo entre o castigo corporal e a agressividade, ou seja, crianças que são esbofeteadas, espancadas, tendem a ser mais agressivas, a brigar mais com outras crianças. Betelheim (1998) adverte acerca do perigo do castigo que faz com que as crianças aprendam que o poder faz a justiça.

Segundo Ginot (2004), apesar de que nem sempre é possível evitar ter que, acidentalmente, bater em crianças, esta não é uma estratégia adequada para se instaurar a disciplina. Há pais que afirmam que são rígidos, que batem em seus filhos com frequência, que os colocam de castigo sistematicamente na intenção de discipliná-los, porém cabe aqui a reflexão de que essas agressões regulares não apresentam resultados, caso contrário, não seriam necessárias, tendo em vista que se sabe que quanto maior for a eficácia de uma punição, menos ela precisa ser aplicada.

Muitos pais extrapolam nas agressões verbais no momento de censurar um comportamento inadequado. A punição não deve ser verbalmente ofensiva. Muito além das



palavras, o tom de voz e a firmeza de atitude com que se estabelece a comunicação é que fazem a diferença. Por sua vez, Antunes (2005) nos alerta que a chantagem emocional - suprema covardia empregada pelos pais - produz menor efeito que uma leve palmada de advertência. Por outro lado, os elogios aos acertos, às atitudes positivas, devem ser muito mais valorizados que as broncas, os castigos, as punições.

Neste mundo que cada vez exige mais pressa, percebe-se que muitos pais cometem o grave erro de escolher os atalhos, os caminhos mais rápidos na hora de educar os filhos. Há que se destacar que impor disciplina através da agressão verbal ou física surte um efeito imediato, mas enganoso, pois o medo de apanhar, de ficar de castigo pode até evitar que uma criança ou adolescente faça algo errado, mas não vai fazer com que ele tenha vontade de agir certo. Filho castigado fisicamente apenas interrompe temporariamente um comportamento e, mais tarde, lembrará muito mais da punição do que das razões pelas quais foi castigado.

Dialogar com o filho, fazer com que ele compreenda o erro, suas implicações e consequências exige muito mais tempo e presença do que dar alguns gritos ou tapas. O ensinamento do exercício da verdadeira autodisciplina, do autocontrole requer muita paciência. Cury (2003) lembra que, caso ocorram algumas inevitáveis palmadas, as mesmas devem ser simbólicas e acompanhadas de uma explicação que conduza as crianças a repensar suas atitudes colocando-se no lugar dos outros.

Nenhum filho ficará traumatizado por ter pais que colocam limites, estabelecem regras e aplicam punições e castigos desde que essas práticas sejam inteligentes, estimulem a arte de pensar e não sejam cruéis ou, nas palavras de Antunes (2005), que sejam o *bom castigo*. As crianças e adolescentes geralmente tendem a aceitar bem os limites quando sentem que são ouvidos, valorizados e respeitados.

Enfim, que não se tenha medo do conflito, tantas vezes inevitável, no processo de educar, mas que jamais se esqueça que se deve fazer com que os filhos compreendam a importância, a necessidade e a função dos limites para que se possa não apenas sobreviver, mas, sobretudo, viver plenamente as possibilidades que a vida oferece, quer seja no amor, na família, nas amizades, no trabalho e em diversas outras perspectivas de realização.

Importante destacar que os limites não são transmitidos e assimilados apenas quando se corrigem ou quando se castigam os filhos; existem diversas outras maneiras – dentre elas através do exemplo – de se contribuir com a formação de adultos mais maduros, equilibrados e emocionalmente saudáveis. Há certos valores assimilados pelas crianças e adolescentes que geram, por si só, o autolimites, a capacidade de fazer escolhas mais acertadas na vida, as noções mais claras de direito e dever, causa e consequência, bem e mal, certo e errado.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ninguém gosta quando outra pessoa diz *não* para aquilo que se quer, da mesma forma que pai algum sente ou deveria sentir prazer em castigar um filho, entretanto, posturas mais firmes por parte dos pais se fazem necessárias no processo educativo. Logo, diversas situações de atrito ocorrem em famílias quando os pais tentam corrigir e podar atitudes indesejadas dos filhos. Neste sentido, tal como as plantas que precisam ser podadas para que



possam aprofundar suas raízes, reverdecer, crescer e produzir mais, os pais, têm o dever, como jardineiros na vida dos filhos, de corrigi-los, colocar limites, isto é, podá-los em certos momentos para que também possam amadurecer, crescer, fortalecerem-se e se renovarem.

Da mesma forma que se sabe que a poda inflige algum tipo de sofrimento às plantas, os *nãos* causam, muitas vezes, revolta nos filhos. No entanto, tratam-se de dores necessárias para o crescimento desta árvore que terá raízes profundas e não se curvará em qualquer vendaval. Assim sendo, mesmo que se lance um olhar de compaixão sobre os erros dos filhos, mesmo reconhecendo a essência humana, carnal e falível, os pais têm o direito e o dever de corrigir atitudes e comportamentos que não condizem com a educação que se buscou transmitir.

Todavia, necessário lembrar que, no momento de corrigir, o tom de voz fere mais do que as palavras e certas atitudes impensadas ou incoerentes por parte dos pais podem deixar marcas indeléveis na personalidade dos filhos. Verifica-se que esses filhos, com o passar do tempo, conforme amadurecem e se tornam também pais, podem vir a compreender as motivações dos seus pais, entretanto, há situações em que se abre um abismo tão profundo que nem mesmo essa passagem do tempo consegue fazer com que as mãos dos pais alcancem às dos filhos de tal forma que consigam trazê-los de volta. Isso ocorre porque o processo educativo não é um veículo que trafega em mão única; ao contrário, atravessa rodovias mal sinalizadas, sem acostamento, repleto de curvas perigosas, apesar de que, sempre será uma estrada de mão dupla.

Cobrar limites pode gerar polêmica e atritos e, se fosse fácil lidar com essas situações, os pais não optariam tantas vezes por desviá-las do seu caminho para, enfim, ter um almoço em paz, uma conversa sem alterar a voz, um fim de semana tranquilo ou a garantia de assistir à televisão sem interrupções. Assim, cala-se por cansaço ou omissão, mas o silêncio é um só. Todavia, a vida pode cobrar de pais e filhos, mesmo que alguns anos mais tarde, um alto preço por esse silêncio. Portanto, que se tenha sempre em conta que limites bem colocados, ainda que aparentemente, possam parecer terremotos, nada mais são que acomodações de terra.

Referências

ÁLAVA REYES, Maria Jesús. **El NO También Ayuda a Crecer**. 1ª ed. Buenos Aires: El Ateneo, 2005.

ANTUNES, Celso. **Bilhete ao Pai**. Petrópolis: Vozes, 2005.

ARAÚJO, Ceres Alves. **Pais Que Educam**. São Paulo: Gente, 2005.



BARBOSA, Paola Vargas; WAGNER, Adriana. A construção e o reconhecimento das regras familiares: a perspectiva dos adolescentes. **Psicol. estud.** vol.19 no.2 Maringá Apr./June 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/pe/v19n2/07.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2020.

BETELHEIM, Bruno. **Uma Vida Para Seu Filho**. 30ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; MARTURANO, Edna Maria. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estud. psicol.** vol.7 no.2 Natal July/Dec. 2002. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a04v07n2.pdf> Acesso em: 23 jan. 2020.

BROOKS, Robert; GOLDSTEIN, Samuel. **Criando e Educando Filhos**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

CURY, Augusto. **Superando o Cárcere da Emoção**. São Paulo: Academia de Inteligência, 2000.

_____. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

GINOT, Haim G. **Entre Pais e Filhos**. São Paulo: Elsevier, 2004.

GOMIDE, Paula Inez Cunha. **Pais Presentes Pais Ausentes**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LUFT, Lya. **Em Outras Palavras**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MATHEWS, Ines Silva; PILLON, Sandra Cristina. Factores protectores y de riesgo asociados al uso de alcohol en adolescentes hijos de padre alcohólico, en el Perú. *Rev Latino-am Enfermagem* 2004 março-abril; 12(número especial):359-68 Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12nspe/v12nspea10.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2020.

OLIVEIRA, Sergio Paulo de. **Não, uma Prova de Amor**. Edição Independente. Foz do Iguaçu, 2010.

ROMANELLI, Geraldo. O relacionamento entre pais e filhos em famílias de camadas médias. *Paidéia*. vol.8 no.14-15 Ribeirão Preto Feb./Aug. 199. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v8n14-15/10.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2020.

STEINBERG, Laurence. **10 Princípios Básicos Para Educar Seus Filhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.



TAVARES, Priscilla Albuquerque; PIETROBOM, Francine Carvalho. Fatores associados à violência escolar: evidências para o Estado de São Paulo. **Estud. Econ.** vol.46 no.2. São Paulo. Apr./June, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ee/v46n2/0101-4161-ee-46-02-0471.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2020.

TIBA, Içami. **Disciplina, Limite na Medida Certa**. São Paulo: Gente, 1996.

_____. **Quem Ama Educa**. São Paulo: Gente, 2002.

VIORST, Judith. **Perdas Necessárias**. 4ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

ZAGURY, Tânia. **Educar Sem Culpa**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ZAMBERLAN, Maria Aparecida Trevisan; FREITAS, Maura Gloria de; FUKAMORI, Lígia. Relações pais e filhos adolescentes e estratégias de prevenção a riscos. **Paidéia**. vol.9 no.17. Ribeirão Preto. Dec. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v9n17/05.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2020.

Recebido em 20/12/2019

Aprovado em 11/02/2020